



ARTIGO ARTICLE

O cuidado racializado ao usuário preto em sofrimento psíquico: Um relato de escrevivência

Atención racializada a usuarios negros con problemas psicológicos: Una historia de escrevivência

Racialized Care for Black Patients in Psychic Suffering: A Story of Escrevivência

■ Matheus Marques Ferreira

e-mail: matheus_marques@id.uff.br

■ Cláudia Mara de Melo Tavares

e-mail: claudiatavares@id.uff.br

Palavras-chave: saúde mental, raça, cuidado, escrevivência

Palabras-clave: salud mental, raza, cuidados, escrevivência

Keywords: mental health, race, care, escrevivência

Resumo

O Relatório de Inspeção Nacional dos Hospitais Psiquiátricos no Brasil (CFP, 2018) evidencia que a quantidade de corpos pretos em internação psiquiátrica sobrepõe-se à de corpos brancos. No entanto, nenhum hospital participante apresentou protocolos e intervenções para os usuários negros em internação ou reflexões para o dado apresentado. O objetivo deste artigo é escrever o encontro-cuidado entre um residente preto e sensível às questões raciais e uma usuária preta em sofrimento psíquico. O artigo apresenta o relato de uma experiência ocorrida entre março de 2020 e janeiro de 2021 em um hospital psiquiátrico no Rio de Janeiro, com abordagem referencial à escrevivência de Conceição Evaristo. Percebeu-se, com este relato, que os fatores que potencializam o sofrimento psíquico na população negra em uma sociedade racista sobrepõem-se em diferentes eixos. A escrevivência, como ferramenta-quilombo, ofertou ao residente a possibilidade transformadora do sofrimento-estagnação em resistência-criativa.

Abstract

The National Inspection Report on Psychiatric Hospitals in Brazil (CFP, 2018) shows that the number of black bodies in psychiatric hospitalization exceeds that of white bodies. However, no participating hospital presented protocols and interventions for black inpatients or reflections on the data presented. The aim of this article is to write (escrever) about the care-encounter between a black resident who is sensitive to racial issues and a black patient in psychiatric suffering. The article presents a report of an experience that took place between March 2020 and January 2021 in a psychiatric hospital in Rio de Janeiro, with a referential approach to Conceição Evaristo's escrevivência. It emerged from this report that the factors that potentiate psychological suffering in the black population in a racist society overlap in different ways. The escrevivência, as a quilombo tool, offered the resident the possibility of transforming stagnant suffering into creative resistance.

Introdução

Em março de 2020, ao iniciar as atividades como residente multiprofissional em saúde mental em um hospital psiquiátrico na cidade do Rio de Janeiro, o residente observa o perfil dos internos e percebe que estes têm em comum a cor. A pele preta, muito presente tanto na enfermaria de crise masculina como na feminina, evocando um questionamento: qual o fator potenciador do sofrimento psíquico na população preta?

Os dados estatísticos em diferentes eixos evidenciam que é difícil ser preto e manter a “sanidade mental”. Segundo o *Atlas da Violência* publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2017, 78,9% dos negros pertencem ao grupo dos 10% com mais chances de serem vítimas fatais (Cerqueira *et al.*, 2017). Os negros têm 23,5% maiores chances de serem assassinados, em relação a pessoas não negras (Moreira e Passos, 2018). “De cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, 71 são negras. Jovens e negros do sexo masculino continuam sendo assassinados todos os anos como se vivessem em situação de guerra” (Cerqueira *et al.*, 2017, p. 30).

Outro estudo, publicado pela Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) (Tokarnia, 18/11/2016), explicita que a taxa de analfabetismo entre a população negra é de 11,2% e entre branca, de apenas 5%, deixando claro que esta é a que mais tem acesso à educação. No mundo do trabalho, a realidade não é diferente: os negros se encontram nas piores condições (Moreira e Passos, 2018). De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada por Marli (2017) na *Agência IBGE Notícias*, a população preta e parda representa 63,7% dos desempregados no Brasil. Além disso, 66% dos trabalhadores domésticos correspondem a essa população (Moreira e Passos, 2018), o que ratifica a disparidade existente e expõe indícios de racismo no Brasil.

O *Relatório de Inspeção Nacional dos Hospitais Psiquiátricos no Brasil* (CFP, 2018) traz questionamentos e informações importantes quanto à presença da pele preta nas internações psiquiátricas. De acordo com o Censo Psicossocial, realizado em hospitais psiquiátricos, havia, em relação à população geral, mais pessoas negras do que brancas no interior dos estabelecimentos em situação de institucionalização (CFP, 2018). O relatório apresenta notas técnicas institucionais informando sobre a ausência da questão racial nos prontuários, como informa o Hospital Especializado Lopes Rodrigues, de Feira de Santana (BA): “Apesar de a maior parte do público da instituição ser composta de pessoas pretas e pardas, não foram observadas ações de debate sobre a questão racial” (CFP, 2018, p. 278).

A ausência de registros qualificados explicita a invisibilidade dessa população, o que impacta diretamente a qualidade da assistência prestada, ainda mais se atentarmos para a hipótese de a maioria das pessoas internadas nos hospitais psiquiátricos ser negra, como mostrou o raro Censo Psicossocial (CFP, 2018). Ainda segundo o relatório, foram poucos os relatórios estaduais que se debruçaram sobre a questão racial na rede de atenção psicossocial. Os que deram atenção a esse elemento comprovaram a predominância da pele negra em relação à pele não negra, branca e indígena.

A história do processo manicomial no Brasil andou em paralelo com as políticas de higienização de raça, propostas pelos governos do século passado (CFP, 2018). É fato que foi empreendido um enorme esforço de retirada do direito à livre circulação pelos espaços pelas pessoas negras, especialmente aquelas com transtorno mental ou que apresentassem qualquer comportamento tido como diferente ou transgressor (CFP, 2018).

De forma atual e paralela ao contexto apresentado, uma outra história negra tem surgido no horizonte do movimento de resistência afro-brasileira. Espalhados em quilombos sociais, culturais e territoriais, o cuidado à pessoa preta tem sido pensado e executado de modo a amenizar os impactos de uma sociedade racista em seus corpos-história.

Assumimos aqui o conceito de quilombo mobilizado por Beatriz Nascimento (2018), que o afirma como “um instrumento de autoafirmação, um instrumento de compreensão de quem você é (...) qualquer relação que a gente tenha entre si, no sentido de agregação, de comunidade” (p. 131). A definição do conceito clarifica a compreensão do aporte teórico sobre o qual este artigo se alicerça: a ferramenta-quilombo literária *escrevivência*, de Conceição Evaristo (2020).

O termo *escrevivência* dá conta da valorização política das palavras em meio a tantas narrativas. Elas caracterizam-se pelo protagonismo da voz negra em narrar a experiência cotidiana da própria vida atrelada aos persistentes impactos da condição diaspórica africana no Brasil e seus desdobramentos estruturais (Cruz, 2012, p. 2). Trata-se de um modo de escrever cuja base são as memórias ancestrais somadas às presentes vivências de resistência, que desencadeiam interpretações críticas do “real” via ficção (Gomes, 2022).

Ainda para a autora, compreende-se que a ficcionalidade que a *escrevivência* oferta faz-se valer no eu-lírico do poema, a sagrada esperança do poeta na qual falar é fazer (Gomes, 2022). A ideia é se apropriar da fala e do espaço social negado, a fim de escancarar as violências sistematicamente direcionadas às pessoas negras e indagar sobre o lugar delas na sociedade (Gomes, 2022). Conceição Evaristo (2020) afirma que quando escrevemos sobre nossas andanças e trajetórias, exigimos propriedade de autoria em uma simbólica luta no meio acadêmico, em que predominam narrativas brancas. Nessa perspectiva, este artigo tem o objetivo de escrever o encontro-cuidado entre um residente preto e uma usuária preta em sofrimento psíquico.

Metodologia

Este artigo apresenta um relato de experiência com abordagem referencial à *escrevivência* (Evaristo, 2020). Poeticamente, denominaremos relato de *escrevivência*. Para atender aos objetivos do estudo, o cenário de estudo é um hospital psiquiátrico no município do Rio de Janeiro, entre março de 2020 e janeiro de 2021.

Respeitando os preceitos éticos, a usuária não terá seu nome revelado. A escolha do nome de base africana vai ao encontro da escrita evaristiana, que resgata a essência africana perdida nos trajetos dos navios negreiros até o Brasil. Assim, o nome foi escolhido a partir de seu significado. A característica principal da usuária tenta ser transmitida a

partir da escolha do nome figurativo. Zarina tem origem no povo persa, reinando no período mesopotâmico, que se estendia do que hoje conhecemos como Irã até o Egito (Norte da África), e significa aquela que reluz como ouro. Eno, nome adotado para o residente deste relato, tem origem na língua efik de base Nigeriana e significa aquele que é um presente.

Resultado e discussão

A mensagem é entregue. É chegada a hora. Enfim, Zarina sentiria o doce prazer da liberdade correr por suas veias. O papa havia lhe enviado o comunicado diretamente do Vaticano: Zarina, venha buscar sua alforria! Zarina arrumou a mochila, vestiu sua melhor roupa e saiu errante pelas longínquas linhas do trem rumo à Central do Brasil. Era noite, não havia motivos para despertar do mais profundo sono seus familiares ainda escravos de si próprios. Zarina buscava sua alforria e lutaria pela liberdade de cada membro do seu lar. O Sol nascia, Zarina corria. A mensagem era tão real que, a cada passo em direção ao papa, sua euforia crescia. Ao chegar à Central, segue em direção à estação Carioca do metrô e rumo para a Zona Sul. *O papa é rico! Deve estar lá!*, pensava a pequena sonhadora da liberdade. Mulher preta. Suja, cansada, suada, com fome, com sede e perda, Zarina pedia ajuda a todos que por ela passavam: *Onde está o papa? Alguém pode me ajudar? Preciso da minha alforria!* É quando surgem dois homens-muralhas-segurança que a jogam no chão, amarram-na e colocam-lhe em um carro azul e branco com uma sirene ensurdecedora.

No prefácio de *Diário do hospício/Cemitério dos vivos*, Alfredo Bosi (2017) escreve sobre a notoriedade do desconforto de Lima Barreto com o aparato policial e a forma como os agentes intervêm no corpo preto, deixando claro que são um instrumento de encaminhamento do suposto demente a um local apartado, isolado, distante da sociedade, na medida em que ele é rotulado como marginal, e não como alguém em sofrimento mental, mesmo apresentando a mesma forma de estar na vida de uma pessoa branca também em crise.

O fato narrado por Lima Barreto em 1920 se repetia cem anos após sua escrita, em 2020. O aparato policial encaminhava para o hospital psiquiátrico uma jovem preta, desorganizada, que se sentia perseguida pela forma agressiva como havia sido abordada pelos policiais na estação de metrô. Os homens não tinham jeito de serem trabalhadores do papa, contudo tinham a mesma cor de pele de Zarina. Seriam eles já livres? Seriam conhecedores do local onde o papa está? Um lapso de esperança-medo invade a mulher do corpo amarrado, mas do ideal de liberdade solto. Zarina chega a um local chamado de emergência psiquiátrica. Os homens-muralhas-segurança, do mesmo tom de pele dela, auxiliam outros desconhecidos a amarrarem-na à cama. A ficha havia caído: era um sequestro! *Socorro! Vim buscar minha liberdade e estou sendo amarrada! Eu sou livre! Onde está o papa? Ele vai me ajudar!* De repente, seus músculos cansados da jornada em busca da liberdade passam a receber o líquido do doloroso controle-silêncio. Zarina era amarrada e sedada enquanto sonhava com sua alforria.

Um comunicado chega por e-mail a outro hospital psiquiátrico. Transferência de paciente bipolar com sintomas psicóticos. Hipomaníaca. Delirante. Dissociação de

personalidade. Esquizofrênica (?). Ouvidora de vozes (?). O enfermeiro-residente, Eno, se prepara para receber Zarina e, quando a ambulância se abre, uma surpresa o acomete: existiam mais hipóteses diagnósticas do que o pequeno corpo daquela sofrida mulher poderia suportar. Durante a entrevista de admissão, a sofrida Zarina contava, com desespero, sua jornada em busca da carta de alforria. O papa lhe aguardava e sua família... dormia enquanto ela sobrevivia.

A entrevista foi delicadamente sensível. Algo em Zarina atravessava Eno de forma sofrida, ele não conseguia sequer perguntar qualquer coisa. Existia uma comunicação para além do corpo físico entre o enfermeiro-residente e aquela triste-mulher-sonhadora. Zarina percebia que algo de estranho havia com aquele enfermeiro. Ele tinha o tom de pele parecido com o seu. Será que ele sabia onde o papa estava? Ou será que ele era como aqueles homens-muralhas-segurança? Só tinha um jeito de saber: conversando. No entanto, conversar não era algo simples para Zarina, não é algo simples quando se é preto. Zarina lembrava das histórias de seu bisavô na senzala: ao menor som de cochicho o tronco brilhava e o chicote cantava. Como se aproximar desse estranho enfermeiro-preto-branco? Pela linguagem entranhada nas vísceras do povo preto resistente: o confronto. Em uma manhã de céu nublado, no pátio interno do hospício, Zarina aborda o estranho enfermeiro-preto-branco e lhe pergunta *por que algumas pessoas triunfam?* Eno não entende a pergunta e pede que Zarina seja mais específica, então ela segue: *por que algumas pessoas usam essa roupa azul que uso e outras usam essas roupas bonitas que você usa?* Achando que havia entendido a dúvida, o bobo enfermeiro responde que a roupa azul era o uniforme da instituição, portanto todos os pacientes deveriam usá-la. Zarina sorri e responde: *você ainda não entendeu! Por que eu tenho que usar essa roupa azul e você essa roupa bonita?* O ainda perdido enfermeiro-residente responde que usava aquele pijama cirúrgico por ter feito uma graduação e ser enfermeiro, e é aí que Zarina rebate: *É isso! Você tem a mesma cor de pele que eu! Por que você pôde fazer uma faculdade e eu não? Por que não deixaram pegar minha alforria também?*

O bobo-estranho-enfermeiro-preto-branco, em uma fração de segundo, sente sua estrutura se abalar com uma única afirmação seguida de perguntas. *Você tem a mesma cor de pele que eu!* Eno, após 25 anos de vida, percebia que não era branco. *Por que você pôde fazer uma faculdade e eu não?* Nessa pergunta ele constatava seu lugar de privilégio como corpo preto. *Por que não deixaram pegar minha alforria também?* Estaria ele participando desse sistema que dificulta as experiências exitosas dos corpos pretos?

Zarina, de um metro e cinquenta centímetros de altura, tinha a força de uma mulher com muitos metros. Sua coragem confrontadora ressignificava a experiência de vida de Eno. Agora, no entanto, ele precisava mostrar para o hospital e toda a rede de cuidados de Zarina que, por trás da busca pela carta de alforria, havia uma intensa história de sofrimento sociorracial, e não apenas psicobiológico. Mas como tocar em profundas feridas sem desestabilizá-la?

Fantoches! Eno lembrou dos tempos de igreja em que era professor da classe de crianças. Havia, no fundo de seu armário, um fantoche de boneca branca e um de boneca preta. Era o necessário para contar a história silenciada nos becos da memória de uma

pequena-forte-mulher que sonha com a liberdade. Sentados próximo ao plantão médico, o enfermeiro coloca sobre a mesa os dois fantoches. Zarina aparenta medo da boneca preta, uma vez que o preto a remete à escuridão e ao medo. Ela olha espantada para o cabelo da boneca preta, enquanto toca com carinho na boneca branca. O branco era aceitável, enquanto o preto era repulsivo. Expor os fantoches em um dispositivo psicoterapêutico é também propor ao sujeito se virar para um mundo criativo, onde pode se ouvir de um ponto que ele mesmo desconhece e para um tipo discursivo no qual a fala não é o único meio de mobilizar os significantes. Na língua dos fantoches, trata-se de um distanciamento anunciado e da projeção/manipulação (Le Maléfán e Rebelo, 2015). Essa é sua originalidade nas maneiras de produzir a simbolização e na retomada do processo de subjetivação. Quando as palavras não podem reduzir o inominável, colocá-las em forma e em movimento pode mostrar o que elas não encontram em outra via de figuração e de laço nos significantes. O ato do fantoche é um indício de um texto mudo a serviço do desejo do sujeito (Le Maléfán e Rebelo, 2015).

Zarina consegue falar sobre suas duas personalidades, a real e a menos real. A real é preta, como o fantoche preto que ela repelia. A menos real era branca, amada, querida e aceita. Zarina olhava para os olhos de Eno enquanto falava que sabia não poder ir contra sua própria verdade. A verdade era que ela era preta. Seguia olhando fixamente nos olhos de Eno enquanto falava que era feliz como a boneca branca. Tinha sonhos, adorava cozinhar, amava estar com a família, no entanto a própria vida foi pintando-a de preto. Não conseguia pedir ajuda quanto a isso. Parecia que todos à sua volta dormiam, enquanto Zarina empretecia nas dores e tormentos da incansável tentativa de se tornar uma mulher preta livre. Embranquecer era uma opção. Embranquecer os costumes, as crenças, os modos, o vocabulário. Zarina só não sabia que embranquecer a vida de um corpo preto é tão sofrido quanto enfrentar a vida preta de um corpo preto. Ela sofreu pelos dois lados. Por tentar ser alguém que não é e por precisar enfrentar nos detalhes diários os desafios de ser quem, de fato, é.

Em um momento do encontro, Zarina rememora o fatídico dia em que foi tentar se matricular no ensino superior. Ao adentrar o prédio da faculdade particular, olhares atentos. Homens-muralhas-segurança falam no rádio. Zarina sabe estar sendo observada. Percebe que o funcionário dentro do elevador acelera o fechamento da porta, impedindo sua entrada. Homens-muralhas-segurança por todo lado se aproximam dela. Perguntam o que queria ali e ela responde: *saber o preço do curso de pedagogia*. Um dos homens ri e responde ser caro demais para ela. Zarina, pequena-grande-mulher, vira-se para o elevador e, ao tentar entrar nele, é agarrada à força pelo braço. Gritos. Pessoas se afastando. Zarina observa o teto, os passos, os risos. De repente, observa o céu, a grade e sente seu corpo batendo contra o quente asfalto com a frase dita em alto e bom tom: *aqui não é lugar para gente como você*.

Naquele momento, Eno entendeu o motivo pelo qual foi confrontado quanto à graduação realizada. Ele entendeu a conexão estranha ocorrida na admissão e o motivo pelo qual os fantoches estavam na mesa: devolver a dignidade ao corpo-história de Zarina.

Um silêncio invade a mesa. Eno sabia que, se falasse algo, lágrimas de um sofrido enfrentamento viriam à tona. Zarina pega a boneca preta pela primeira vez. Olhar fixo nela. Passa a mão sobre os cabelos da boneca preta e em seguida em seus próprios cabelos. Os lábios, o contorno do rosto. Cada detalhe era intimamente observado e conectado ao seu corpo. Repete o movimento com a boneca branca e ao final do processo reconhece: *eu sou a boneca preta*. Segurando-a nos braços, Zarina afirma saber que não existe carta de alforria. Se existe, deve ser a morte. Talvez a vida seja esse desejo de alforria de você mesmo. Em lágrimas, ela afirma para o enfermeiro: *essas bonecas me ajudaram a entender que não consigo fugir de mim. Essa é a verdade. Zarina é a verdade de sua própria vida. Zarina precisa descansar. Obrigada, Eno*. Algo, então, mudava profundamente. De enfermeiro-residente, passando por estranho enfermeiro-preto-branco, chegando no bobo-estranho-enfermeiro-preto-branco, estacionando no enfermeiro-preto, agora ele era apenas Eno. Zarina, perdida dentro de si, promoveu um encontro do enfermeiro Eno com o, apenas, Eno. Os fantoches trouxeram lucidez à história da pequena corajosa e desafios à experiência de Eno. Era preciso contar essa jornada em busca da sofrida liberdade. Por trás de uma mulher preta que afirmava estar preta por sujeira da rua, havia anos de um calado sofrimento racial que eclode em um intenso sofrimento psíquico.

Zarina e Eno encerram a conversa. Ela pede para segurar a boneca preta até o portão da enfermaria. Enquanto ia andando, fazia carinhos, como quem acaricia a pele de um bebê. Sorria. Olhava. Beijava. No portão, ao devolver a boneca preta, ela afirma: *Zarina é muito forte, mas precisa de cuidado. Agora confio em você. Me ajuda a cuidar dela?* Estranhamente, os fantoches reverberaram tanto em Zarina quanto em Eno. Uma mulher preta em busca de sua alforria, com o almejado sonho de liberdade, trancafiada nos muros de uma instituição totalitária, não poderia ter ideia de que sua história-sofrimento-existência traria a liberdade a um enfermeiro. A um enfermeiro não. Ao Eno. Zarina recebeu alta em dezembro de 2020 e não reinternou até o presente momento.

Considerações finais

Este relato evidencia os fatores que, em uma sociedade racista, potencializam o sofrimento psíquico na população negra, que se sobrepõem em diferentes eixos: saúde, educação, cultura e segurança. Para além disso, fica demonstrado que as instâncias de saúde não estão devidamente preparadas para acolher pessoas em sofrimento racial e ofertar cuidado racializado. Considerar que o racismo adoece é necessário para a condução de casos em que a narrativa-experiência do sujeito se apresente atravessada pelo tom de pele ou, inclusive, pela sua negação.

Zarina produziu uma importante contribuição para a assistência em saúde ao sujeito em sofrimento psíquico: o cuidado na escuta dos detalhes, ditos ou não, em detrimento da urgência diagnóstica. Acolher o sofrimento racial possibilitou intervenções assertivas no cuidado ao sujeito. Não é ignorado o diagnóstico e sua relevância, no entanto, coloca-se em primeiro plano aquele que sofre e, portanto, tem *expertise* para apresentar sua dor: o

próprio sujeito. Zarina mostrou que existem sofrimentos sociais, como o racial, que não são esgotados em diagnósticos, mas sim trabalhados na vida.

Assim, a escrivência, como ferramenta-quilombo, revelou-se fundamental no processo de análise dos fatos experienciados, na medida em que ia tecendo possibilidades de caminho-cuidado à usuária em sofrimento psíquico. Colocar os sentimentos em primeiro plano e se permitir ser afetado pela vida-experiência da usuária possibilitou ao residente, inclusive, a aceitação de ser homem negro, no entanto, em condição de privilégio acadêmico. Assim, a escrivência possibilitou ao enfermeiro a transformação do sofrimento-estagnação em resistência-criativa.

Matheus Marques Ferreira é Mestrando do Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde (PACCS) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduado em enfermagem pela mesma universidade. Especialista em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cláudia Mara de Melo Tavares é Professora titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiatria da Escola de Enfermagem da UFF. Doutora em enfermagem pela UFRJ, mestra em educação (currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduada em enfermagem pela UFRJ.

Referências

- BARRETO, Lima. **Diário do hospício & O cemitério dos vivos**. Editora Companhia das Letras, 2017.
- CFP. **Hospitais psiquiátricos no Brasil**: relatório de inspeção nacional. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia (CFP), 2018. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/12/549.3_ly_RelatorioInspecaoHospPsiq-ContraCapa-Final_y2Web.pdf
- CRUZ, A. S. Conceição Evaristo: insubmissas lágrimas de mulheres. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, n. 39, 255-258, 2012.
- EVARISTO, Conceição. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L., NUNES, I. R. (Orgs.). **Escrivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.
- GOMES, F. C. Fragmentos de escrivência nas poesias de jovens secundaristas. **Pensata**, v. 11, n. 1, pp. 39-57, 2022.
- CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência 2017**. Rio de Janeiro: Ipea; FBSP, 2017. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/06/FBSP_atlas_da_violencia_2017_relatorio_de_pesquisa.pdf
- LE MALÉFAN, P.; REBELO, T. O fantoche como mediação para os sofrimentos psíquicos. **Estilos da Clínica**, v. 20, n. 2, pp. 194-204, 2015.

MARLI, Mônica. Pretos ou pardos são 63,7% dos desocupados. **Agência IBGE de Notícias**, Estatística Sociais, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18013-pretos-ou-pardos-sao-63-7-dos-desocupados.html>

MOREIRA, T. W. F., Passos, R. G. *Luta antimanicomial, racismo e o avanço do conservadorismo em tempos "temerosos"*. *Temporalis*, v. 18, n. 36, pp. 178-192, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. Historiografia do quilombo. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Filhos da África, 2018. p. 125-165.

TOKARNIA, Mariana. Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo. **Agência Brasil**, 18 nov. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo>

Como citar:

FERREIRA, Matheus Marques; TAVARES, Cláudia Mara de Melo. O cuidado racializado ao usuário preto em sofrimento psíquico: Um relato de escrivência. *Revista Metaxy*, Rio de Janeiro, PPDH/NEPP-DH/UFRJ, v. 5, n. 5.1, p. 109-117, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>